

# O GATINHO PRETO E AS ABELHAS MIGRANTES: LITERATURA E ETOLOGIA PARA PENSAR NÃO HUMANOS NA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

The black kitten and the migrant bees: literature and ethology to think about non-humans in the history of science

Caio Fabiano Lopes do Valle Souza<sup>1</sup>

Márcia Regina Barros da Silva<sup>2</sup>

Caio Dany Scarpitta<sup>3</sup>

## Resumo

O objetivo deste artigo é indicar modos que sirvam ao desordenamento e à desarticulação de entendimentos há muito tradicionais nos estudos acadêmicos de diversas áreas. Procuramos, por meio da história das ciências, tanto quanto da história das transformações ambientais e da história dos animais, reconhecer as noções de “associações” e de “agências” em dois diferentes contextos. O primeiro, uma passagem na vida do escritor Machado de Assis a partir da qual foram investigados, por meio de um de seus escritos, o ambiente doméstico e as relações de afeto interespecíficas entre um gato e o autor, na virada do século XIX para o XX no Rio de Janeiro, momento de transformações sociais alimentadas por certo ideal cientificista. O segundo recorte aborda a história da introdução de abelhas africanas no Brasil em meados do século XX, bem como o seu involuntário espraiamento para outros países, apresentado a partir da etologia, ciência que se propõe a estudar o comportamento de animais; também avaliamos as transformações produzidas pelas abelhas nas pesquisas de cientistas daquele momento. Argumentamos que tais situações fornecem recursos capazes de desordenar uma estrutura antropocêntrica na produção historiográfica que tende a conceber somente o animal humano como possuidor de história. Desse modo, pretendemos mostrar caminhos pelos quais os não humanos tenham seu protagonismo reconhecido em um processo histórico co-produzido.

**Palavras-chave:** Agência; Associações; Literatura; Gato; Abelhas.

## Abstract

The aim of this article is to indicate ways that serve to disrupt and disarticulate understandings that have long been traditional in academic studies in different areas. We seek, through the history of sciences, as well as the history of environmental transformations and the history of animals, to recognize the notions of “associations” and “agency” in two different contexts. The first one, a passage in the life of the writer Machado de Assis, based on which the domestic environment and interspecific relationships of affection between a cat and the author were investigated, through one of his writings, at the turn of the 20th century in Rio de Janeiro, a moment of social transformations fueled by a certain scientific ideal. The

---

<sup>1</sup> Doutorando, Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [caioscarpitta@usp.br](mailto:caioscarpitta@usp.br). <https://orcid.org/0000-0002-8742-673>

<sup>2</sup> Doutora em História Social pela USP, Livre Docente na área de História das Ciências pela USP - FFLCH. E-mail: [marciabarrossilva@usp.br](mailto:marciabarrossilva@usp.br). <https://orcid.org/0000-0001-5849-6385>

<sup>3</sup> Graduando em História, Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [caioscarpitta@usp.br](mailto:caioscarpitta@usp.br). <https://orcid.org/0009-0001-4916-866X>

second section addresses the history of the introduction of African bees in Brazil in the mid-20th century, as well as their involuntary spread to other countries, presented from the perspective of ethology, a science that aims to study the behavior of animals. We also evaluated the transformations produced by bees in the research of scientists at that time. We argue that such situations provide insights capable of disordering an anthropocentric structure in the historiographical production that tends to conceive only the human animal as possessing history. Thus, we intend to show ways non-humans have their role recognized in a co-produced historical process.

**Keywords:** Agency; Associations; Literature; Cat; Bees.

## Introdução

O objetivo deste artigo é pensar possíveis formas de proceder a uma história de desestabilização de hierarquias entre humanos, no alto de uma cadeia sociológico-evolutiva, e animais, também com suas hierarquias, muitas das quais implementadas pelos humanos.

Uma história em busca do desordenamento sobre os entendimentos que as sociedades ocidentais vêm construindo há muitos séculos deve servir não apenas para sublinhar conexões interespecies, mas também para desvendar como os humanos construíram suas histórias sem reconhecer as das outras espécies – ou, ao menos, sem prover esses “outros”, aqui somados ainda a outros humanos relegados às mais subalternas categorias da reconhecida estrutura social, um lugar digno na abordagem científica.

Nas histórias humanas em que os animais circulam, faz-se, em geral, uma apreciação instrumentalizada das espécies não humanas. Os animais aparecem como ferramentas para atestar uma variedade de desenvolvimento tecnológico, dita objetiva e neutra, que, a partir dos conhecimentos científicos e do manuseio da natureza, constrói subordinações, até a pretensa, porque nunca alcançável, total substituição das espécies por algum tipo de tecnologia.

O exemplo mais acabado é aquele que mostra a subordinação dos animais e de todo o meio ambiente ao modelo desenvolvimento-crescimento-progresso, visando conformar poderes crescentes aos humanos sobre toda a dita natureza. Desde a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, com a história do progresso técnico evidenciada nos esforços por tornar a terra um bem agricultável, surgem muitos exemplos de novos equipamentos e de novos

modos de domesticação de plantas e animais para comporem um quadro de sucesso da espécie humana.

A busca pela substituição dos animais nos atuais processos de obtenção de novos produtos, como a “carne do futuro” produzida em laboratório (BARBOSA, 2017), seria apenas o estado atual de um mesmo entendimento de superioridade técnica.

Caberia aqui, portanto, pensarmos sobre o lugar dos conhecimentos científicos como aliados dessas conquistas, ao mesmo tempo que são eles também possíveis aportes para um outro futuro possível, mas em um mesmo planeta com humanos e todas as demais espécies em uma vida capacitadora e não apenas como recursos para a exploração de excedentes.

Os animais de laboratório e os resultados da experimentação com seus corpos são objetos recentes de interesse da análise histórica das ciências. O que o cientista visualiza, entretanto, o corpo do animal e os dados que saem de suas entranhas, já não corresponde mais aos mesmos animais com os quais os não cientistas convivem na vida comum. Os animais de laboratório lutam por suas agências, assim como as outras espécies das muitas naturezas. Desde as plantas aos seres humanos, estamos todos, no laboratório genérico, fragmentados em órgãos, células, partes de corpos experimentais. O fazer científico despoja, assim, histórias individuais e coletivas de suas historicidades próprias, para servirem às historicidades das ciências e seus objetivos científicos.

Os animais vivos e inteiros, ou em partes e fragmentados, vêm mudando no tempo dos percursos históricos, quando também têm se alterado as percepções que as pessoas e as sociedades têm deles e sobre eles. Não há nenhum momento nas histórias dos “humanos-entre-eles” e das “coisas-em-si”, como critica Bruno Latour (1994), em que tenhamos deixado de viver vidas cruzadas. A esse panorama de agências a resgatar, as tecnologias actantes ainda precisam incorporar os não humanos. Importa-nos discutir aqui quais são as possibilidades apresentadas pela história das ciências para destacar a ideia de agência e como incorporá-la ao entrecruzamento da história dos animais, da história ambiental, da história das ciências e da história dos humanos-entre-si-e-com-os-outros. Nossa primeira proposta é a de destacar

o termo “associações”, resultante dos estudos de ciência, para o entendimento da agência dos animais. Latour destaca a agência das coisas, entre elas, a dos objetos científicos, na estrutura dicotômica tradicional do par sociedade e natureza, e como tais fronteiras precisam ser diluídas para a compreensão tanto dos não humanos quanto dos próprios humanos.

O que pode parecer realmente chocante nessa definição de associação é não apenas o estranho novo significado que ela confere a “social”, mas também o lugar incomum reservado aos chamados objetos “naturais”. E, no entanto, ambos os extremos dessas cadeias, o social e o natural, precisam ser dissolvidos simultaneamente. Essa simetria raramente é entendida pelos que definem a ANT [*Actor Network Theory* ou Teoria Ator Rede] como uma sociologia “estendida aos não humanos” – como se os próprios não humanos não tivessem passado por uma transformação tão grande quanto a dos atores sociais (LATOURET, 2012, p. 160-161).

Os nomes oficiais dos percursos conceituais que sustentam leituras sobre os chamados *animal studies* estão bem descritos em artigos de autores brasileiros e estrangeiros, como, por exemplo, Felipe Sússekind (2018). O autor indica que a chamada virada multiespécies, a discussão sobre os aspectos constitutivos das espécies outras-que-humanos em curso na esfera da antropologia, tem em vista uma mudança ampla de seus parâmetros constitutivos, o multiculturalismo e o humanismo. Mais recentemente, o dossiê publicado na revista História, Ciência, Saúde – Manguinhos, de 2021, também destaca essa questão, como explicam os editores: “Desejamos explorar ‘relações entre animais’, e aqui abandonamos deliberadamente a dicotomia animais humanos/animais não humanos. Essa separação já clássica estabelece hierarquias, em vez de enfatizar conexões interespécies” (DUARTE *et al.*, 2021, p. 7-10).

Para interpretar, em novas dimensões, os novos aspectos das relações simétricas entre as multiespécies, tendo em vista os estudos de animais a que a história começa a se propor, a pergunta que acreditamos poder ajudar a configurar tais perspectivas seria a de como podemos reler o percurso de um pensamento histórico-sociológico pretensamente centrando em dispositivos antropocêntricos, deixando de ser antropocêntrico nessa leitura. Qual será o diálogo necessário para estabelecer e realizar a simetria que virá alterar a forma como a história descreve no tempo e no lugar o valor e a

cooperatividade, portanto, os mais diversos tipos de agências de animais, naturezas e ciências?

O esboço de resposta nos parágrafos a seguir se divide em dois momentos. O primeiro acompanha nuances da dinâmica afetiva envolvendo uma das figuras proeminentes da literatura nacional entre os séculos XIX e XX, Machado de Assis, e um gatinho preto que o autor ganhou de presente nos anos finais de sua vida. Tentaremos lançar luzes para os sentidos dessa relação doméstica. Entendemos que ela desestabiliza paradigmas atinentes ao espaço consignado a animais de companhia – na intimidade do lar e mesmo no coração de um homem renomado – naquela quadra da história da República, quando certo discurso científico se insinuava como panaceia higienista para problemas estruturais, em geral vitimando grupos humanos e animais indesejados pelas elites políticas e econômicas. O segundo contribui para indiciar como nossas retilíneas fronteiras nacionais, também republicanas, se esboroam frente ao avanço sistemático e pertinaz de animais que as ignoram, desvelando as fragilidades do controle que pretendemos impor com aduanas frequentemente cerradas a vizinhos e semelhantes. Veremos como pequenas criaturas voadoras, as abelhas africanas, desafiaram, em poucas décadas, cientistas e grandes distâncias geográficas, climáticas, ambientais e geopolíticas a partir do Brasil, “integrando” todo um continente com suas colmeias e ferrões.

### **Machado dos animais de companhia: inspiração à história social**

Como dito, vemos que a história dos animais em relação com as ciências naturais tem se beneficiado de avanços e ponderações lançados por diversos campos do conhecimento. Igualmente, a história social brasileira, quando dedicada aos laços entre seres humanos e outros animais – cada vez mais nutrida de estudos oriundos da biologia, da etologia, da sociologia, do direito, da antropologia e da filosofia –, pode inspirar rumos férteis para a compreensão das dinâmicas multiespecíficas em perspectivas diacrônicas. Buscaremos, nesta seção, contribuir para pensar novos aportes metodológicos e temáticos aos *animal studies* na pesquisa histórico-sociológica, a partir de fontes literárias enquanto documentos indiciadores de dinâmicas culturais.

O autor a que recorreremos, o carioca Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), considerado um “grande precursor”, no Brasil, dos animalistas,<sup>4</sup> dedicou “memoráveis contos, crônicas e passagens de romances à situação dos animais no mundo dominado pelo triunfo do racionalismo moderno” (MACIEL, 2016, p. 75), em constante observação das práticas científicas de *fin de siècle*. Atento à ética dos assuntos do seu tempo, inclusive do positivismo cientificista que se insinuava sobre a intelectualidade na dobradura do século XIX para o XX, o literato refletiu em seus textos, por exemplo, sobre as “práticas de vivisseção comuns nos laboratórios” do período, questão que, como pensamos acerca do uso instrumental de cobaias, mantém-se inconclusa. No “Conto alexandrino” (de 1884) e em “A causa secreta” (1885), Machado expôs a tortura praticada em ratos, gatos e cães por personagens ficcionais obnubilados por ideais de “progresso” das ciências naturais e da medicina.

Aqui optamos por um recorte específico da obra machadiana, ainda pouco pesquisado pela historiografia dedicada aos animais. Trata-se da investigação do ambiente doméstico e das relações de afeto interespecíficas. Embora o foco recaia num de seus muitos textos que versam sobre ou incluem protagonistas animais, a análise está centrada num fragmento cuja finalidade não era a publicação, e sim uma carta redigida para uma vizinha criança que o havia presenteado com um gatinho preto. A curta correspondência nos subsidia a projetar luzes nos animais de companhia<sup>5</sup> em contexto urbano nas primeiras décadas da República brasileira.

Também é importante frisar que a narrativa escolhida não se inscreve entre os vários escritos machadianos que utilizam personagens animais como metáforas para comentários sociais. Nesta rápida empreitada, analisamos a literatura “enquanto fonte histórica” a fim de investigar “hábitos e vivências” nas “relações entre as pessoas e os bichos”. Em suma, e mobilizando as

---

<sup>4</sup> Ficcionalistas que buscaram, em suas obras, “apreender um ‘eu’ dos bichos, imaginar o que eles diriam ou pensariam” (MACIEL, 2016, p. 75).

<sup>5</sup> A filósofa norte-americana Donna Haraway assim historiciza o termo *animais de companhia*: “o *pedigree* do acasalamento do conhecimento tecnocientífico e práticas pós-industriais de criação de animais” e pode se referir a “cavalos, cachorros, gatos, ou uma variedade de outros seres que estejam dispostos a lançarem-se à biossocialidade”; de modo geral, “ninguém come seu animal de companhia (nem por ele é comido)” (HARAWAY, 2021, p. 22).

palavras da historiadora portuguesa Maria Antónia Lopes, “não são os animais enquanto recurso literário que aqui se buscam” (LOPES, 2015, p. 437).

Dito isso, passemos à conjuntura biográfica em que a curta missiva se materializou. Após a morte de sua esposa, Carolina Augusta de Novais Xavier (1835-1904), Machado de Assis, o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), já idoso e sem filhos, achava-se bastante fragilizado. Conta o biógrafo Raimundo Magalhães Júnior que a repentina solidão em que mergulhou o escritor impressionava não só aos “companheiros da Academia e os velhos amigos” como também “suas relações de vizinhança”, no bairro do Cosme Velho. Coube a uma criança de “alma sensível”, a menina Alba Ribeiro de Araújo, igualmente “penalizada com a viuvez” e o profundo retraimento do autor, “minorá-la, dando-lhe de presente um gatinho preto” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, p. 217). E essa “parece ter sido a primeira alegria” do escritor de *Dom Casmurro* “depois da ‘grande desgraça’, ou da ‘catástrofe’ de sua vida, como, nas cartas íntimas, amarguradamente se referia à sua solitária viuvez” (p. 218). A jovem Alba, filha dos vizinhos Armando Ribeiro de Araújo e Fanny de Araújo, esta última “amiga íntima de Carolina”, costumava ser referenciada pelo escritor como “flor mimosa” (MOUTINHO; ELEUTÉRIO, 2015, p. 467).

Embora não datada – sendo a única referência o dia da semana de sua provável redação, “Quinta-feira” –, de acordo com a pesquisadora da ABL Irene Moutinho, “é possível que a encantadora missiva, redigida em papel simples, e não tarjado de luto como nas demais correspondências do período, tenha sido escrita no final de 1905 ou no início de 1906” (MOUTINHO; ELEUTÉRIO, 2015, p. 440, nota de rodapé). A destinatária da correspondência, assinada por um “Gatinho preto”, é “D. Alba”. O ficcionalizado felino autor começa agradecendo por ela o ter dado “de presente ao velho amigo Machado” (MACHADO DE ASSIS, 2021, p. 77-78). A partir daí, discorre sobre a convivência com o tutor: vislumbram-se dinâmicas e acordos domésticos na relação afetiva estabelecida entre ambos. Os limites e as regras, bem como as suas quebras – denotando significativa agência do animal –, as expectativas e os hábitos interespecíficos se expõem nos quatro parágrafos da carta. O “Gatinho preto” relata a rotina, sua dieta e até o que Machado lhe confia.

No primeiro dia não pude conhecer bem este cavalheiro; ele buscava-me com palavrinhas doces e estalinhos, mas eu fugia-lhe com medo e metia-me pelos cantos ou embaixo dos aparadores. No segundo dia já me aproximava, mas ainda cauteloso. Agora corro para ele sem receio, trepo-lhe aos joelhos e às costas, ele coça-me, diz-me graças, e, se não mia como eu, é porque lhe custa, mas espero que chegue até lá.

Para o bem-humorado bichano, só faltava ao seu tutor miar como ele, tão próximos ficaram. Um indício de que Machado não se vexava de verbalizar com o gato. De início assustado, o gatinho preto logo tomou grande confiança, passando a interagir com o tutor. Curioso notar os corpos de ambos se mostrarem disponíveis para o contato afetuosos: Machado lhe faz cócegas e o “Gatinho preto” sobe ao colo e escala as costas do literato. Se para alguém vivendo numa cidade brasileira no início do século XXI essa dinâmica não deva parecer estranha, a transposição da cena para o Rio da *belle époque* talvez soe menos verossimilhante. Sobretudo se levamos em conta o fato de o texto expor elementos da privacidade de uma pessoa pública da estatura de Machado, considerado em vida o maior expoente da literatura brasileira. Mas por que a estranheza?

Nossa hipótese é a de que a falta de estudos dedicados à investigação dos meandros do afeto rotineiro entre animais de companhia em perspectiva histórica nubla certa percepção contemporânea das permanências e rupturas das interações de carinho entre mulheres, homens e outros animais. A escassez de fontes primárias para o acesso à vida privada em quadras históricas mais afastadas, particularmente as associadas às classes subalternas e ao registro sobre animais, também dificulta a compreensão dos laços de ternura, tanto quanto suas transformações no tempo. Aqui, a produção literária pode se estabelecer como aliada da pesquisa histórica.

Vejamos o que o “Gatinho preto” discorre sobre sua alimentação:

A minha vida é alegre. Bebo leite, caldo de feijão e de sopa, como arroz, e já provei alguns pedaços de carne. A carne é boa; não creio, porém, que valha a de camundongo, mas camundongo é que não há aqui, por mais que os procure. Creio que desconfiaram que há mouro na costa, e fugiram.

Temos aí alguma noção do que gatos de vida “alegre” e estimados comiam nas casas da maior e mais importante cidade do país na primeira

década do século passado. Sequer precisavam desempenhar uma “função” produtiva, como a caça de animais vistos como pragas, para receber recompensas na forma de alimentação, abrigo e carinho de seus tutores. Mas o dono da casa impunha limites: diz o “Gatinho preto” que Machado de Assis só “não consente que eu trepe à mesa, quando almoça ou janta”. Apesar da restrição, o “velho amigo” “conserva-me nos joelhos e eu puxo-lhe os cordões do pijama”. Na mesma época em que o escritor mobilizava sua pena para se passar pelo pequeno felino e agradecer à jovem vizinha o gesto de cuidado, a “biopolítica estatal”, impregnada da “moderna visão de mundo que se consolidava nas cidades” – entre as quais o Rio das reformas urbanas higienistas –, sistematicamente encaixava, “na categoria de peste”, animais não humanos presentes em vias e logradouros públicos, a começar por mosquitos, ratos, vacas e porcos, mas logo atingindo animais de companhia: “cães errantes” e gatos (FAUSTO, 2020, p. 39).

Entretanto, aproximações e alianças multiespecíficas passaram a se consolidar para resistir “ao biopoder no momento em que a cidade moderna é criada”, não sendo incomuns “demonstrações populares, como ataques a carrocinhas por operários com o objetivo de liberar os animais presos e artigos em jornais anarconaturistas” (FAUSTO, 2020, p. 39). Ou seja, ainda que o destino do gatinho machadiano constitua uma feliz exceção no dia a dia da comunidade de gatos carioca, sua história enquanto amado animal de companhia igualmente revela a disposição de pensar e prover bem-estar a outras espécies entre grupos sociais na virada do século. O mesmo Machado, aliás, explicitava “sua simpatia pelas sociedades protetoras de animais” (MACIEL, 2016, p. 78). Vale citar que a primeira associação brasileira desse tipo foi fundada em 1895 em São Paulo.<sup>6</sup>

O autor desafiava a cadeia epistemológica ocidental de ordenação da vida que posicionava o humano no topo, ainda que o darwinismo começasse a arranhar tal certeza havia poucas décadas. Por sinal, Machado costurou tal corrente inovadora do pensamento científico numa crônica “assinada” por um burro, que suplica: “Ainda uma vez, respeitável senhor, cuide um pouco de

---

<sup>6</sup> No Rio, a Sociedade Brasileira Protetora dos Animais surgiu em 1907.

nós [burros]. [...] Faça o nosso treze de maio. Lincoln dos teus maiores, segundo o evangelho de Darwin, expede a proclamação da nossa liberdade!” (MACHADO DE ASSIS, 1944a, p. 126-127). Há também textos problematizando as rinhas de touros e a criação de bois para abate. Nota-se certa dose de “ativismo” em Machado, patente em passagens como esta: “E querem saber por que detesto as touradas? [...] É por causa do boi, unicamente do boi. Eu sou socio (sentimentalmente fallando) de todas as sociedades protectoras dos animaes” (MACHADO DE ASSIS, 1944b, p. 193).

O historiador Nelson Aprobato Filho identificou “mais de mil e trezentos assuntos diretamente ligados ao universo dos animais” em Machado de Assis (APROBATO FILHO, 2016, p. 73). Detectou um padrão de intersecção entre os animais, as mudanças tecnológicas e a vida cotidiana num período de rápidas e radicais transformações – a chegada da eletricidade (1879), a Abolição (1888), o golpe militar republicano (1889) e o autoritário “bota-abaixo” urbanístico (1903). Também se observa a presença dos animais de companhia nos escritos do literato, principalmente em textos de tessitura mais íntima ou voltados a um público feminino, então compreendido como doméstico. É justo a tais escritos que propomos lançar mais atenção.

Hoje mais e mais chamados de *pets*, esses animais representam uma constante histórica que tem adquirido abrangência social, política, cultural e econômica inédita e crescente no país. Dados estatísticos de 2022 revelam que os lares brasileiros contavam 168 milhões deles, sendo cães (68 milhões), aves (42 milhões) e gatos (34 milhões) os mais frequentes. Somente a população felina registrou um aumento de 6% entre 2020 e 2021 (POLO, 2023). A história social pode contribuir para a compreensão de sentidos atrelados a essas interações no decorrer dos processos de urbanização; estratificação social em interseccionalidades de gênero e “raça”; mudança nas dinâmicas afetivo-comportamentais; renovação perspectiva sobre hierarquias ontológicas e direitos políticos de não humanos no ambiente doméstico e/ou público; e acolhimento social diante de atividades psicológicas como o apego e o luto.

Veja-se o peso da saudade num comovente poema publicado pelo próprio Machado em 1892, numa revista feminina, revelador da potência impressa por uma cachorrinha tenerife, a “branca e felpuda” Graziela, na vida

íntima dele e da esposa Carolina. No soneto, escrito após a morte da cadelinha, o eu-lírico confessa o tamanho da falta daquela “Companheira fiel dos anos idos / Querida nossa e nós os seus queridos”, a “nossa constante amiga” que ainda o fazia escutar os seus latidos, “Vagos, remotos, sons amortecidos, / Da vida que nos fez a vida bela”. Tanto quanto o “Gatinho preto” sem nome próprio, Graziela habitava o conforto do interior da casa – Augusto Fragoso escreveu que ela, nos últimos anos de vida, “já cega e sem dentes, ainda vinha sesteiar perto dos donos [...] na conversadeira” – e desfrutava o *status* de “amiga”.<sup>7</sup>

O tratamento de obras literárias enquanto corpora documentais disponíveis para compreender “os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração” (CANDIDO, 2000, p. 12), auxilia na prospecção de nuances da intimidade entre seres humanos e outros animais. Para focalizarmos o Brasil contemporâneo, uma miríade de textos de nomes reconhecidos da literatura, como Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), João Guimarães Rosa (1908-1967), Clarice Lispector (1920-1977) e Hilda Hilst (1930-2004), entabulam narrativas romanescas, poéticas ou cronísticas envolvendo animais não humanos, inclusive na situação de companheiros. Em geral, reforçam ou subvertem hierarquias entre seres humanos e outros animais? Como os cambiantes discursos científicos, criadores e legitimadores de estruturas de subordinação interespecífica, pervadem tais obras? São perguntas que instigam a comunidade historiadora a visitar a literatura com olhares renovados. Que o brevíssimo exemplo aqui apresentado possa contribuir para esforços nesse sentido, além de indicar novos modos de pensar a história do Brasil com a história das ciências, dos animais e do meio ambiente, como continuaremos a ver a seguir.

### **Pensar os modos de agir: animais na história ambiental**

Assim como a história social brasileira tem voltado seu olhar ao estudo das relações entre humanos e não humanos, ou história interespecie, também o fez a história ambiental, que tem repensado o papel dos não humanos ao

---

<sup>7</sup> O poema se intitula “Um óbito” (FRAGOSO, 1958, p. 137-139).

rearranjar as tradicionais fronteiras que em teoria nos separam deles, desenvolvendo leituras em que humanos e não humanos façam parte da constituição do fazer histórico. Disso emergem tentativas historiográficas que almejam demonstrar que a história não pode ser exclusivamente humana, mas é sempre constituída conjuntamente por não humanos (DUARTE, 2019). Como é bastante sabido, essa mudança de perspectiva foi influenciada por um conjunto de fatores, um deles sendo a difusão da percepção da destruição em larga escala dos biomas terrestres. A sistematização da história ambiental como um subcampo próprio se deu nos Estados Unidos da América em meados dos anos 1970, influenciado em grande parte pela preocupação popular com os impactos humanos no meio ambiente. Dentre alguns temas de crescente interesse dessa área, podemos citar os processos históricos que levaram a intercâmbios biológicos e as estruturas mentais através das quais sociedades passadas pensavam acerca do mundo natural.

Um reconhecimento mais recente foi a percepção dos não humanos como agentes significativos do fazer histórico e da necessidade de avaliar suas simetrias e assimetrias. Os historiadores Diogo de Carvalho Cabral e Heta Lähdesmäki chamaram esse novo momento da historiografia, que atribui a capacidade que não humanos teriam de agir no mundo produzindo relações de causa e consequência, de *Animal (agency) turn*. Para eles,

em vez de se concentrarem nas relações bilaterais entre humanos e animais, os historiadores ambientais tendem a analisar as ligações entre pessoas, animais e paisagens em mudança. Embora permaneçam fiéis a esta orientação geral, desde a primeira década do século XXI, os historiadores ambientais mudaram sua abordagem em relação aos animais não humanos. De ferramentas em projetos paisagísticos humanos, eles se tornaram agentes de pleno direito que moldam o curso e os contornos das mudanças ambientais (CABRAL; LAHDESMAKI, 2024, p. 1).

Os autores enfatizam um novo rumo possível: a passagem dos não humanos do *status* de ferramentas (passivas) para agentes (ativos). Com essa distinção em mente, é possível compreender o termo “agência” como a capacidade de influenciar significativamente o mundo, não apenas como receptores das ações humanas, mas também como produtores de significado, intervindo mutuamente no desenvolvimento histórico. Podemos ver, ainda, de que modo uma perspectiva que privilegia as agências de não humanos

reformula os modos de produzir historiografia, em outro artigo de Diogo de Carvalho Cabral: *Meaningful Clearings: Human-ant negotiated landscapes in nineteenth-century Brazil* (2021). Preocupado com as relações conflituosas entre formigas popularmente conhecidas como saúvas e os seres humanos ao longo do século XIX, Cabral expôs como os contatos entre humanos e formigas foram estruturados por meio de constituições conjuntas entre ambas as espécies e o seu meio.

Formigas e pessoas dão sentido umas às outras interpretando as práticas espaciais de seus interlocutores e as resultantes paisagens. Enquanto formigas interpretaram o mundo humano representando de modo “indexical” por meio de pistas olfativas, táteis e visuais tanto dentro de seus ninhos quanto fora nas áreas de forrageamento, humanos interpretaram o forrageamento das formigas por meio de convenções linguísticas como “roubo” e “guerra” (CABRAL, 2021, p. 3).

Cabral tratou dos modos como formigas e humanos deram sentido às práticas uns dos outros no contexto de expansão da monocultura do café em São Paulo e Rio de Janeiro do século XIX. Seu trabalho é relevante por mostrar que também os não humanos possuem capacidade de agir e dar sentido ao mundo ao seu redor. O autor defende que o desenvolvimento dos significados das “convenções linguísticas de ‘roubo’ e ‘guerra’”, ainda que grandemente pautadas em outras estruturas sociais humanas correntes no período, não se faz ao revés do comportamento das formigas, mas por meio da percepção que homens naquele contexto faziam a partir do comportamento delas. A maneira como os humanos enxergam os animais não é construída apenas por meio de estruturas de pensamento sociais, mas surgem das interações entre uma e outra espécie em um processo que as une, dá sentido e mutuamente modela suas atividades.

O desafio metodológico em enxergar essas agências não humanas na constituição da história ainda é grande. Porém, mesmo com uma orientação metodológica que tenha em seu arcabouço teórico outras formas de análise, resta ainda a dificuldade em fazer emergir da documentação histórica essa agência. Um caso que pode ilustrar as possíveis conexões entre produção científica, história e ciências naturais, tais como a etologia, e os modos para fazer emergir a agência não-humana, é o da introdução das abelhas africanas no Brasil.

Esse inseto chegou ao país em 1956, fruto da articulação de grupos de cientistas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), financiados pela fundação Rockefeller e pelo governo federal, junto do interesse de apicultores particulares. No mesmo ano, um grupo de cientistas da Esalq, liderado pelo geneticista e entomologista Warwick Estevam Kerr, viajou a África do Sul, Moçambique, Angola e Tanganica (KENT, 1988) selecionando cento e trinta e três rainhas da abelha africana (*Apis m. scutellata*). O pesquisador e entomologista português Virgílio de Portugal Brito Araújo, em breve artigo que coloca alguns impactos da introdução da abelha africana no Brasil, diz que, ao retornarem ao país e organizarem uma nova seleção dos espécimes, os pesquisadores da Esalq terminaram com vinte e quatro indivíduos que começaram a ser utilizados nas pesquisas (ARAÚJO, 1971).

O objetivo com essa empreitada era introduzir uma nova subespécie de *Apis* que fosse mais adaptada a climas mais quentes, diferente das outras espécies de origem europeia que aqui viviam. O grande propósito, porém, era otimizar a produção de mel (KENT, 1988), tarefa à qual a abelha africana mostrava-se bastante eficaz. Há registros de colmeias na África do Sul produzindo 70 kg de mel por ano (BREED *et al.*, 2019), o que contrasta com os dados de produtividade anual de duas das mais comuns *Apis* presentes no Brasil, a *A. m. mellifera* (8,8 kg por ano) e a *A. m. ligustica* (19,2 kg por ano) (ARAÚJO, 1971).

As abelhas africanas foram instaladas pelos pesquisadores em um colmeal montado na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, com objetivo de investigar seus comportamentos e sua genética. Um fator importante acerca das abelhas africanas que os pesquisadores precisaram considerar era o seu altamente sensível e eficaz fator defensivo e agressividade. A solução encontrada por Kerr para amenizar esse traço residia no cruzamento com outras espécies de abelhas mais mansas (como a *A. m. ligustica*).

As pesquisas seguiram com essa intenção até 1957, quando o famigerado episódio da fuga das abelhas ocorreu. Em consequência de um erro no manejo das colônias, preparadas especialmente para que as rainhas não conseguissem escapar das colmeias (tendo em vista seu tamanho



É justamente nesse processo de expansão que a questão da agência desses insetos toma contornos mais claros. Enquanto ainda estavam sob tutela dos cientistas, podemos argumentar que sua atuação estivesse restrita, ainda que não completamente controlada. Essa falta de controle total se expressa nas tentativas iniciais dos pesquisadores em lutar contra um dos traços mais marcantes desse animal: sua defensividade. O fato desses insetos terem sofrido pressões seletivas que favoreceram a agressividade (ELLIS; ELLIS, 2022) foi definidor das condutas das pesquisas que tentaram, por meio do controle genético, controlá-las. Assim, conhecer a história evolutiva desses animais torna-se tarefa indispensável para compreender de que modo as abelhas ditaram parte das práticas dos cientistas ao impor sobre eles um conjunto de comportamentos que os atrapalhava em atingir seus objetivos, a saber, desenvolver uma espécie de abelha de fácil manejo e adaptação ao território brasileiro. Se havia um relativo controle enquanto estavam em um espaço organizado pelos cientistas, ele se perderia quando as abelhas fugissem.

Pensar nessa rápida expansão passa por refletir acerca das próprias capacidades de movimentação particulares a esses insetos. O mecanismo pelo qual as abelhas conseguem estabelecer novas colônias recebe o nome de “enxameação” (swarming). Um dos principais fatores responsáveis por garantir que uma colmeia tenha condições de enxamear depende da disponibilidade geral de alimentos (FLETCHER, 2019). Quanto mais alimento estocado, maior a probabilidade de a colônia enxamear. À exceção de regiões mais frias, a disponibilidade de alimento às abelhas no continente americano era bastante farta. Ademais, as abelhas africanas enxameiam com mais frequência que suas outras parentes europeias (ELLIS; ELLIS, 2022), mostrando-se mais eficientes em ocuparem longas extensões de regiões com climas mais quentes.

A preocupação quanto à expansão de uma variante de abelha mais agressiva e altamente resistente foi tamanha que um comitê científico organizado pelo *National Research Council* dos Estados Unidos veio até o Brasil pesquisá-la, publicando o relatório *Final Report Committee on the African Honey Bee* em 1972. Anos antes, em 1964, movimento semelhante havia sido

feito no Brasil a pedido da Secretaria de Agricultura, que contou com os cientistas paulistas que já trabalhavam com abelhas Erico Amaral, Warwick Kerr, Coriolano Caldas Filho e Paulo Nogueira-Neto.

Portanto, podemos argumentar que o conjunto de comportamentos das abelhas, tanto sua agressividade quanto sua capacidade de percorrer longas extensões, definiu as preocupações dos cientistas que, diante da perda do controle do animal, viram-se obrigados a repensar e reestruturar seus experimentos em novas comissões específicas para solucionar esse novo problema. A agência das abelhas se fez por meio da expressão de seus comportamentos em ambientes cujo espalhamento foi facilitado por fatores ambientais.

Como buscamos mostrar, para ter melhor acesso a essas experiências de não humanos no passado, é importante entender melhor e integrar outras ciências em nosso corpo metodológico. Áreas como ecologia, etologia, sociologia, literatura, dentre tantas outras, são recursos poderosos para compreender de que modo agem os não humanos e como sua agência pode nos impactar. Uma “história multiespécies”, como é comum ler no campo da história dos animais, só poderá ser concretizada se as outras espécies puderem realmente miar, latir, zumbir. Só poderá ocorrer quando esses seres efetivamente forem incorporados como atuantes no mundo. Quem quer que tenha dito que apenas humanos possuem narrativas, provavelmente nunca parou para olhar e ouvir abelhas e gatinhos pretos.

## Referências

APROBATO FILHO, Nelson. Animais, natureza e tecnologia no Rio de Janeiro de Machado de Assis. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, v. 8, n. 2, p. 70-94, 2016.

ARAÚJO, Virgílio de Portugal. The Central African Bee in South America. **Bee World**, v. 52, n. 3, p. 116–21, 1971.

BARBOSA, Vanessa. A carne do futuro poderá ser 100% carne e 0% animal. Servido? [Online], Revista Exame, São Paulo, ano 40, 7 abr. 2017. Disponível em: <https://exame.com/ciencia/futuro-podera-ser-livre-de-carne-como-a-conhecemos-servido/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BREED, Michael D.; SPIVAK, Marla; FLETCHER, David J. C. **The African Honey Bee**. Boca Raton [EUA]: Taylor & Francis Group, 2019 [1991].

CABRAL, Diogo de C. Meaningful clearings: human-ant negotiated landscapes in nineteenth-century Brazil. **Environmental History**, v. 26, n. 1, 2021, p. 1-24.

CABRAL, Diogo de C.; LÄHDESMÄKI, Heta. Multispecies Cultures and Environmental Change: The Animal (Agency) Turn. In: O'GORMAN, Emily *et al.* (org.). **The Routledge Handbook of Environmental History**. Abingdon [Inglaterra]: Routledge, 2024.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz/Publifolha, 2000.

DUARTE, Regina Horta. História dos animais no Brasil: tradições culturais, historiografia e transformação. **Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC)**, v. 9, n. 2, p. 16-44, 2019. <https://doi.org/10.32991/2237-2717.2019v9i2.p16-44>

DUARTE, Regina Horta; LOPES, Gabriel; OSTOS, Natascha Stefania C. de; APROBATO FILHO, Nelson. Reciprocidades em desequilíbrio: história das relações entre animais. Carta dos editores convidados. **História, Ciência, Saúde - Manguinhos**. v. 28, supl. 1, p. 7-10, 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702021000500001>

ELLIS, James D.; ELLIS, Amanda. African Honey Bee, Africanized Honey Bee, Killer Bee, *Apis mellifera scutellata* Lepeletier (Insecta: Hymenoptera: Apidae). **Ask IFAS - Powered by EDIS**, #EENY 429, 11 jul. 2022.

FAUSTO, Juliana. **A cosmopolítica dos animais**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

FERREIRA JR. *et al.* Historical perspective and human consequences of Africanized bee stings in the Americas. **Journal of Toxicology and Environmental Health, part B**, v. 15, n. 2, p. 97-108, 2012.

FLETCHER, David J. C. Interdependence of Genetics and Ecology in a solution to the African bee problem. In: BREED, Michael D.; SPIVAK, Marla; FLETCHER, David J. C (org.). **The African Honey Bee**. Boca Raton [EUA]: Taylor & Francis Group, 2019 [1991].

FRAGOSO, Augusto. Acheugas à bibliografia machadiana. **Revista do Livro**, v. 3, n. 11, p. 137-139, 1958.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KENT, Robert B. The Introduction and diffusion of the African honeybee in South America. **Yearbook of the Association of Pacific Coast Geographers**, v. 50, n. 1, p. 21-43, 1988.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: Edufba, 2012..

LOPES, Maria Antónia. Escritores e animais: vivências, representações e sentimentos, do Barroco ao Naturalismo. *In*: BRAGA, Isabel Drumond; BRAGA, Paulo Drumond (coord.). **Animais e companhia na História de Portugal**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.

MACHADO DE ASSIS, Jopagui Maria. **A Semana**. 2º volume (1894-1895). Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1944a [1892].

MACHADO DE ASSIS, Jopagui Maria. **Chronicas**. 3º volume (1859-1878). Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1944b [1877].

MACHADO DE ASSIS, Jopagui Maria. Carta do Gatinho preto. **Machadiana Eletrônica**, v. 4, n. 7, p. 77-78, 2021.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MOUTINHO, Irene; ELEUTÉRIO, Sílvia (org.). **Correspondência de Machado de Assis**: tomo V, 1905-1908. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2015.

POLO, Érica. Hábitos mudam e Brasil já tem mais de 168 milhões de ‘pets’ [Online]. **Valor Econômico** ano 24, 13 ago. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2023/08/13/habitos-mudam-e-brasil-ja-tem-mais-de-168-milhoes-de-pets.ghtml>. Acesso em: 23 mai. 2024.

SÜSSEKIND, Felipe. Sobre a vida multiespécie. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 159-178, 2018.